

Mais Criança

JOÃO GOMES-PEDRO

No Coliseu dos Recreios, em Outubro passado (2 a 5) aconteceu "**MAIS CRIANÇA**"

O Encontro Internacional assim designado com o subtítulo "*As Necessidades Irredutíveis*" foi, efectivamente, um acontecimento científico irrepetível pelo escol de investigadores que intervieram como prelectores.

Cerca de 2500 profissionais da Saúde, da Educação, da Justiça, da Solidariedade Social, das Ciências Humanas e de muitas outras áreas, assimilaram, estou certo disso, o objectivo fundamental deste Encontro: fundamentar estratégias e intervenções pluridisciplinares, essencialmente de prevenção e promoção, trazendo novos conceitos a uma nova prática de Saúde e Educação.

O pressuposto desta iniciativa foi o de fazer convergir em Lisboa o progresso científico e a realidade socio-cultural do mundo lusófona, de modo a inspirar uma nova ordem de valores universal.

A Clínica Universitária de Pediatria do Hospital de Santa Maria assumiu, mais uma vez, o desafio (que é também responsabilidade) de proporcionar, em Portugal, uma reflexão cientificamente partilhada (reflexão que é também grito) sobre as necessidades irredutíveis do bebé, da criança, do jovem e da família.

Estas necessidades que são irredutíveis, que são inegociáveis, que são inadiáveis, estão longe de estar garantidas no mundo global e, também, no mundo português.

É, assim, preciso, construir uma base conceptual e actualizada de modo a viabilizar uma intervenção mais coerente a favor da criança, de modo a garantir o que intitulámos como "Mais Crianças" no espaço e no tempo de cada um de nós, no espaço e no tempo da nossa sociedade, no espaço e no tempo do mundo habitado, de modo a fazer convergir todas as leis e todos os acordos num só propósito: dar prioridade à criança, em todas as

latitudes, em todas as culturas, em todas as sociedades, em todos os corações.

Terá sido com esta inspiração que Koffi Annam escreveu no prólogo da «Situação Mundial da Infância 2002» da UNICEF: "devemos colocar os maiores interesses da Criança no coração de todas as negociações políticas e comerciais e no centro do nosso comportamento e actividades quotidianas».

O programa do Encontro «Mais Criança» foi a correspondência efectiva deste ideário.

A UNICEF clama para que, a partilha deste ideário, seja conduzida por quem esteja instituído de liderança,

É, de facto, preciso que os mais representativos do campo do direito, da economia, da educação, da saúde, da justiça, da intervenção social, das técnicas, da literatura, da música, das artes, do jornalismo, enfim os melhores de todas as áreas do saber e da intervenção social e política exerçam" pelo seu prestígio, pela sua responsabilidade e pelo seu exemplo, a sua liderança em prol de «Mais Criança».

Temo-lo feito.

Em 1995, quando do Encontro «Stress e Violência na Criança e no Jovem», também realizado em Lisboa, foi elaborada por outro escol de grandes investigadores então presentes o que ficou conhecido pela «Declaração de Lisboa».

Permita-se que recorde, nesta oportunidade, a primeira das conclusões dessa Declaração de Lisboa, tão contingente como o propósito de «Mais Criança»: «as famílias devem ser ajudadas a reconhecer que constituem a fonte primeira de amor e de apoio e que são, também, responsáveis pela criação das forças interiores de que a criança necessita para se tornar resiliente face ao stress»

Na sequência da «Cúpula Mundial pela Criança de 1990», inspirada na referência ética que é a declaração dos

Direitos da Criança, têm-se multiplicado iniciativas, objectivos e metas a favor da criança, com resultados naturalmente pontuais mais ainda manifestamente insuficientes.

Há algumas doenças já irradicadas, Porém, apesar destas luzes de esperança, o pesadelo do sofrimento infantil atravessa continentes e deverá desassossegar o nosso quotidiano.

Mais de 600 milhões de crianças ainda vivem na pobreza e muitas delas morrem dessa pobreza, quer por falta de prevenção de doenças quer porque são usadas e abusadas.

Mais de 100 milhões de crianças (na maior parte raparigas) não têm acesso à educação, reforçando o ciclo que não é só o da fome mas é, também, o da indignidade.

Provavelmente, neste mês de Outubro, mais de três milhões de crianças entre os 0 e os 14 anos estarão infectadas com Sida vivendo, na sua maioria, na África Sub-Saariana e, sendo assim, muitas delas falarão português ou poderão ter tido ou ter, porventura, como próxima, uma cultura lusíada.

Se fizermos uma simples extrapolação imaginando as circunstâncias e o destino de 100 crianças que nasçam hoje, encontraremos conclusões estatísticas chocantes tais como:

Trinta e três destas crianças, cuja maioria nascerá na Ásia ou África, nunca serão registadas e, por isso, não possuirão nacionalidade e identidade oficial não tendo, assim, acesso a qualquer sistema de Saúde ou Educação; 33 destas 100 crianças sofrerão de algum grau de desnutrição antes de atingirem os cinco anos, 33 nunca serão vacinadas, qualquer saneamento básico (provavelmente muitas delas nunca saberão o que é água potável) e, qual número fatídico, também 33 dessas 100 crianças sofrerão (mais directa ou indirectamente), dos efeitos da guerra.

Extrapoláramos ainda que destas mesmas 100 crianças nascidas hoje, pelo menos dez morrerão antes dos cinco anos, mais de dez, pelo menos, nascerão com peso baixo e, pelo menos, 3 serão orfãos da Sida.

As estatísticas, porém, quando se trata de crianças, são absurdas, desumanas e agressivas face ao respeito devido a cada destino !

Porque o que nos aflige é que cada uma dessas crianças não tem os seus plenos direitos assegurados, que não é feliz, que não se sente segura ou protegida, que não brinca o que deve, que não aprende o que pode, que não ama o que sente.

Cada vez mais sabemos que ser responsável por crianças é ser responsável pelo José não aceite pelo pai, pela Ana com doença crónica internada mais uma vez num hospital, pelo Victor que viaja aos atropelos 3 horas por dia antes e depois de estar 8 horas na creche, pela Maria a quem os afazeres e a pressa do dia a dia não deixam sonhar.

Claro que temos de olhar para o sistema para, eventualmente, concluir que, por exemplo a nossa taxa de mortalidade infantil (plenamente europeia), não pode, por, si só, deixar-nos sossegados.

Porque há muito a reformar nos nossos cuidados primários de Educação e de Saúde, na nossa prevenção vertical da Sida, na nossa prevenção de acidentes, na nossa intervenção precoce para os comportamentos disfuncionais e aditivos, no nosso sistema de ensino-aprendizagem e de apoio às famílias com bebés (nas Maternidades: e nas creches que precisam de ser mais e melhores), no nosso ambiente (desde o stress aos espaços verdes que não temos, à televisão e à violência), enfim, na nossa exigência para reverter o insucesso.

Em suma, temos de reformar e reformular os nossos objectivos em função das necessidades irredutíveis da Criança.

Dominamos, hoje, cada vez melhor, o saber das emoções e dos afectos, o da comunicação, o dos riscos e das frustrações, o das diferenças, o da empatia, o das forças e das vulnerabilidades, o da relação, o do ambiente; enfim o do caminho para garantir a dignidade que é devida a cada bebé, a cada criança, a cada jovem, a cada família.

As necessidades irredutíveis da criança são as experiências, são as oportunidades, são os cuidados, o amor e a resiliência a que toda a criança tem direito.

Precisamos de entender o funcionamento humano não só de um modo biológico, não só de um modo psicológico, não só de um modo social, não só de um modo cultural, não só de um modo moral mas como um todo feito de harmonia e de contingência com as expectativas e com os direitos de cada um, sobretudo quando este cada um é bebé.

Uma boa homeostase biológica expressa nos indicadores clássicos de saúde, condiciona os arquitectos da mente que são as emoções e é a partir delas que a criança constrói sentimentos e, depois, consciência de si e dos outros, para chegar, enfim, à intersubjectividade e à relação estável.

São estes os parâmetros irredutíveis de bem estar humano e que cada criança vai creditando na organização do seu sentido de coerência.

Os novos indicadores que têm de guiar as nossas estratégias são os indicadores do estar bem da criança e terão de ser eles os marcadores da nossa intervenção, intervenção esta que tem de ser universal qualquer que seja o espaço e o tempo do nosso quotidiano.

É difícil formular conclusões do Encontro "Mais Criança" tantas foram as evidências, as recomendações e os projectos conjugados.

Num ensaio retrospectivo, tentarei revisitar do todo significativo, algumas das reflexões feitas e investidas por cada um dos intervenientes convidados.

“Vimos, ouvimos e lemos - não podemos ignorar” foi a conclusão assumida por Ana Maria Bénard da Costa.

Entre as muitas pistas propostas, Maria José Rita propôs “ Espaço e tempo para todos”. Para isso, disse-o João Bénard da Costa “ é preciso garantir um imaginário para cada criança”.

É preciso ainda, afirmou-se, “ uma face humana na globalização inevitável” (Marcelo Rebelo de Sousa), “uma expressão feita criança, sem mentiras” (Maria João Pires) “garantida essa expressão numa base de competências” (Kevin Nugent), sendo para isso indispensável “que a nossa atenção esteja centrada no bebé” (John Kennell) “e no seu comportamento” (Nadia Bruschweiler). “Este bebé é necessariamente único e diferente dado que a criança normal é uma abstração” (Gerald Young).

“Cada criança tem, de facto, competências próprias, únicas fundamentalmente interactivas” (Hubert Montagner).

“É isso que a Neurociência nos ensina na co-evolução entre genes e cultura” (António Damásio), fundamentalmente “ porque o cérebro é uso-dependente” (Robin Karr-Morse). Para Robin a fórmula face ao cérebro tem de ser esta; “ use it or lose it” significando o “ lose it” violência (anos mais tarde).

Ponto de vista partilhado por todos foi o de que a experiência, de facto, é o arquitecto do cérebro, sendo imprescindível que essa experiência exista recheada de emoções e de afecto

“ É isto que tem de existir nas cresches que têm de ser mais e melhores” (Eduardo Sá), tal como “tem de haver mais apoio aos pais na construção da sua resiliência para cada bebé seja, cada vez mais, Pessoa” (Eduardo Sá). “Há que atender aos nossos determinantes da Saúde, porque, fundamentalmente, é preciso empatia, humanismo, humildade e inteligência” (Mário Cordeiro).

“É este o caminho para a Resilie” (Victor Feytor Pinto).

Nesta conceptualização, “ resiliência é essencialmente uma promoção de forças para que, se possa reagir à adversidade através de um estilo de interacção qualitativamente mais positivo” (Michael Rutter).

“Uma das estratégias para a viabilização de cadeias de reacção protectoras será a de mudarmos a nossa televisão” (Marçal Grilo).

Foi sublinhado que a educação das crianças incorpora múltiplos objectivos centrados no respeito pelas emoções e sentimentos de cada bebé, de cada criança e de cada jovem.

“Educação, no princípio da vida é, fundamentalmente, relacionar e é a qualidade desta relação o que faz a diferença em termos do sucesso escolar de cada criança” (Ross Thompson).

É aquela qualidade relacional “ o que faz distinguir a evolução em cada um dos sucessivos períodos do desenvolvimento de que é paradigma a adolescência” (Joshua Sparrow).

É a predictibilidade nas fases sucessivas do desenvolvimento que constitui o fundamento dos “ touchpoints” entendido esse fundamento em função das discontinuidades que Brazelton identifica

“como oportunidades para intervir”

“O desafio da conceptualização dos “touchpoints” é não ser o problema mas sim as forças o que importa em cada criança e em cada família” (Ann Stadtler).

É nesta linha que se fundamenta que “a origem da adictividade é precoce” (Emílio Salgueiro).

“Neste constructo, tanto a actividade como os medos ou ainda as depressões, podem ser prevenidos com estratégias de confiança, nomeadamente mediadas pelo brincar” (Alexandra Harrison)

Necessário é garantir “a existência de Serviços onde possa fazer-se uma efectiva educação parental, sobretudo dirigida ao ser Pai ou Mãe” (Daniel Sampaio).

“A Educação tem de ser prestada por profissionais responsáveis e conhecedores do mundo interior da Criança” (Teresa Ambrósio).

Só assim poderá ser possível “ que esses profissionais aprendam e exerçam o escutar as crianças” (Teresa Vasconcelos).

Escutar as crianças implica “planear para elas viabilizando, designadamente, espaços para a aventura” (Gonçalo Ribeiro Telles).

Porém, “é o espaço interior, o espaço do respeito, o espaço da comunicação que é, afinal, a mística da sintonia, o que mais importa porque é este espaço que corresponde ao respeito pelo sentido inato de pertença implícito a cada criança” (Colwyn Trevarthen).

Tudo isto “está intimamente relacionado com os estádios diádicos de consciência através dos quais a criança descobre o estado de espírito de cada outro e do seu mundo” (Edward Tronick).

“É por esta via que as pessoas se apaixonam sendo indispensável para o estado de paixão de cada criança que não haja qualquer violação de expectativas” (Daniel Stern).

Em suma, não é possível mais ignorar que “a construção da felicidade de cada criança e de cada jovem passa pelo respeito da individualidade de cada bebé e pela necessidade de partilhar com os pais a descoberta das suas diferenças individuais” (Berry Brazelton).

Estamos, enfim, todos implicados na construção, em cada criança, de uma identidade, de uma confiança, de uma empatia, de uma partilha, de uma tolerância e de uma esperança.

Em Outubro de 2002 aconteceu “ Mais Criança”.

De Lisboa para o mundo e, sobretudo, para cada um de nós.